

AS IMAGENS DA CIDADE NO CORPO: UM ESTUDO POÉTICO PELA PERSPECTIVA DA CULTURA VISUAL

*IMAGES OF THE CITY IN THE BODY: A POETIC STUDY FROM
THE PERSPECTIVE OF VISUAL CULTURE*

Pedro Simon G. Araújo / UFG

RESUMO

O presente artigo objetiva apresentar o desenvolvimento de um projeto de pesquisa enquanto prática teórica e poética, que ocorreu a partir de um processo investigativo sobre a relevância das imagens da cidade e suas memórias na formação dos corpos. O projeto propõe a intersecção entre os estudos relativos aos conceitos de corpomídia, performance e corpografia, todos em relação com os estudos da cultura visual, partindo para o seu desenvolvimento tendo a pesquisa narrativa enquanto suporte metodológico. Pensar as imagens, o corpo e a relação estabelecida com a cidade apresenta-se como mote do projeto, trazido em alguns recortes para o artigo.

PALAVRAS-CHAVE

Imagem; Corpo; Cidade; Dança; Performance.

ABSTRACT

This article aims to present the development of a research project as a theoretical and poetic practice, which occurred from an investigative process on the relevance of images of the city and their memories in the formation of bodies. The project proposes the intersection between studies related to the concepts of corpomedia, performance and corpography, all in relation to the studies of visual culture, starting with its development with narrative research as methodological support. Thinking about the images, the body and the relationship established with the city is presented as the motto of the project, brought in some clippings for the article.

KEYWORDS

Image; Body; City; Dance; Performance.

Introdução

O presente artigo parte de reflexões possibilitadas por uma experiência vivenciada por mim, doutorando na área das artes visuais, ao desenvolver e realizar um grupo de pesquisa junto a alunos e alunas do curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Goiás denominado: “Corpo, memória e cidade: construindo narrativas na relação com o urbano”.

O grupo de pesquisa surge como parte de um processo investigativo e também artístico que coloca as artes visuais em contato com a dança e a performance por meio da relação dos corpos com suas memórias e com o espaço da cidade, trazendo a partir daí novas significações, afetos e visualidades entre o urbano e o afetivo. O projeto que se desenvolveu ao longo de quase quatro meses no primeiro semestre de 2019, aconteceu por meio de encontros semanais com um grupo de quatro alunas e três alunos que se permitiram estar livres para explorarem, por meio de caminhos práticos e teóricos, a poética existente entre os corpos, as memórias e as imagens da cidade.

A metodologia escolhida para o seu desenvolvimento se apoia na Pesquisa Narrativa, uma vez que coloca em perspectiva questões pessoais, subjetivas e humanas, a partir das “histórias individuais, coletivas e sociais dos sujeitos e das instituições” (SOUZA; MEIRELES, 2017, p.128), com as quais se vincula. E como instrumentos de arquivo do processo definimos a presença dos diários individuais e os registros de áudio e vídeo das conversas e pesquisas corporais.

Inicialmente, buscou-se por um aporte teórico sobre as principais temáticas trazidas para discussão no grupo de pesquisa, sendo elas: corpomídia, corpografia, e os estudos da performance, que se mesclaram às percepções e estudos da cultura visual. Os três primeiros conceitos se encontram ao permitirem uma apreensão do corpo como sistema aberto a atravessamentos, reformulações e ressignificações a todo momento. Foram importantes para que os/as participantes do grupo pudessem expandir suas compreensões já existentes sobre o corpo, mas que novas camadas surgissem e fossem exploradas artisticamente, por meio da performance e da dança.

Os corpos atuam na produção de conhecimento por meio da escrita, da fala e do movimento. Para Setenta (2012, p.01) o corpo pode ser definido como “campo de ocorrência de proposições e de reflexões críticas, aquelas carregadas de condutas artísticas em processo contínuo de feitura”. Compartilho com a autora do pensamento de que há no fazer do corpo, um dizer. E a proposta do trabalho era que o grupo pudesse criar a partir do encontro e atravessamento entre imagens da cidade, memórias e as bagagens trazidas no corpo.

As reflexões sobre o contato do corpo com as imagens também se fazem pertinentes, uma vez que as articulações e discussões sobre elas levam em conta “a influência e o impacto que [...] exercem sobre a identidade, a subjetividade, ou seja, sobre a vida das pessoas” (MARTINS; TOURINHO, 2016, p.12) o que o projeto buscou desvendar ao longo de seus encontros, como será discutido em seguida. Primeiramente apresentarei os conceitos norteadores e em seguida como foram articulados os encontros e a criação poética.

Compreensões sobre o corpo e ambientes

Inicialmente, parto de um resgate de alguns conceitos que permearam a construção do projeto e que considero relevantes para a compreensão da idealização teórica e poética do que foi desenvolvido. A definição de corpo proposta por Setenta (2012) muito se assemelha à concepção apresentada e estudada por Katz e Greiner (2012; 2005; 2001), que definem o corpo como aquele que está sempre em um processo co-evolutivo com o ambiente, como o resultado dos diversos cruzamentos e atravessamentos de informações e estímulos sofridos. Falam de um processo de afetação que ocorre de maneira involuntária e que dá ao corpo essa característica de estar em “constante movimento de definir-se”, como um “auto-organizador de enunciados” (SETENTA, 2012, p.02). Trata-se de um corpo que Katz e Greiner (2005) irão definir como corpomídia, um corpo que é mídia de si mesmo, como explicitam na afirmação abaixo:

O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois, toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. (KATZ; GREINER, 2005, p. 130-131).

Compreende-se este corpo então como estando em constante processo evolutivo, havendo em si mesmo mecanismos que permitem a sua constituição, que se dá em retroalimentação. A enorme coleção de informações que trazemos em nós, vão entrando em ajuste e em discussão com aquelas que chegam. Trata-se de um movimento de estabilização e desestabilização, um fluxo constante de constituição, que “provoca atenção para questões referentes ao processo de constituir-se corpo, numa articulação deste corpo com distintos ambientes” (SETENTA, 2012, p.03-04) e também imagens.

Isso se dá por uma compreensão defendida por Nascimento (2013, p.243) ao afirmar que os discursos veiculados pelas imagens têm responsabilidade para pensarmos a compreensão sobre como somos, como nos tornamos o que somos, ou somos provocados a sermos diferentes, uma vez que as imagens “nos fazem ver, ouvir, falar, agir e pensar de um determinado modo e não de outro”.

As imagens estão entranhadas no corpo, assim como uma série de experiências que auxiliam na produção dos fazeres-dizeres, conceito trazido por Setenta (2012). A autora propõe uma reflexão crítica tomando a dança/performance como artifícios de produção de sentido por meio de fazeres-dizeres no/pelo corpo, uma vez que por meio do movimento surgem suas falas, “um processo concomitante de fazer o que diz no dizer do que faz e organiza o que chamamos de falas de dança e performance que não se restringem ao domínio do verbal” (ibidem, p.03).

As falas, por meio da dança e da performance, se materializam em ações corpóreas que no contato e na relação entre sujeitos e mundos são negociadas, cambiadas, rearranjadas. O que a autora indica é a possibilidade de se pensar os movimentos, suas ideias e ações de maneira crítico-reflexiva, já que o corpo é compreendido como “campo de ocorrências dos processos de cognição, comunicação e evolução” (SETENTA, 2012, p.08).

O discurso presente no corpo e que se materializa pela performance/dança extrapola os limites coreográficos e a competência técnica, dando maior importância às questões presentes no corpo e à maneira como elas são articuladas e organizadas pelo seu criador. Existe muito mais em um corpo que dança do que apenas um passo ensaiado. Trazemos em nós as mais diversas experiências “intersubjetivas, sociais, artísticas, culturais, políticas” (idem). A autora complementa afirmando que “do contato que se estabelece com as informações que vem de fora com as informações existentes em um corpo, ocorre um movimento de reorganização, que desencadeia a produção de outras informações”. (SETENTA, 2012, p.09).

Greiner, Katz e Setenta concordam que o caminho de estruturação do corpo se dá com a presença e troca entre os diversos ambientes que o atravessam. Neste ponto, percebemos a intersecção entre o conceito de corpomídia e corpografia ao enxergarmos os ambientes como um conjunto de condições para que as interações aconteçam (BRITTO; JACQUES, 2012).

Por esta perspectiva, compreendemos a existência de uma impossibilidade de dissociação entre natureza e cultura em que esses corpos se desenvolvem e se configuram, uma vez que os espaços também trazem em si memórias, são produtores de subjetividades que afetam os corpos.

A partir da visão de Hissa e Nogueira (2013, p.56) todos nós “somos parte do espaço – assim como parte do mundo, da natureza – feito de parcelas que, inventadas também por nós, não integram um todo maciço, mas produzem composições diversas”. O espaço somos nós, o corpo, a cidade, a pele, o chão. Por meio do corpo experimentamos o mundo e nos permitimos transformar. Nesse processo de enfrentamento com os espaços internos e externos a cidade se faz presente e viva. Segundo os autores (idem) “a cidade-terreno é a cidade no nível da rua, produzida por corpos e movimentos, do que está sendo feito da vida urbana. O corpo experimenta a cidade. A cidade vive por meio do corpo dos sujeitos. A cidade é cidade-corpo”. A existência da cidade se dá pelos corpos, pelos sujeitos, “que nos lugares-territórios, experimentam a vida” (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p.61).

Nesse sentido, o conceito de corpografia vem dilatar o entendimento dos espaços e a coimplicação que estabelecem com os corpos. Pensando a relação do corpo com a cidade Britto e Jacques (2008, p.79) apresentam que “a cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade”. A cartografia realizada no/pelo corpo se torna uma memória, um registro de experiência da cidade que não é mais apenas uma cenografia por onde habitantes circulam, mas um espaço de existências, de possibilidades de vivências. Desse contexto nascem as corpografias urbanas. Há uma “sensibilidade que se desenvolve nas ruas ao nosso redor (HARVEY, 2012, p.11) e que se encontra com um querer do corpo.

Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques, pesquisadoras da área da dança e da arquitetura, respectivamente, expõem por meio do conceito de corpografia um olhar crítico aos espaços urbanos, à vida da cidade, que se perde em favor de uma espetacularização e privatização do espaço público. Falamos então de um alijamento dos corpos dos espaços o que torna a cidade desencarnada. Para Jacques (2008, p.01) “o empobrecimento da experiência urbana pelo espetáculo leva a uma perda da corporeidade, os espaços urbanos se tornam simples cenários, sem corpos” o que nos leva a “repensar as relações entre urbanismo e corpo, entre corpo urbano e o corpo do cidadão”.

Por meio da presença dos corpos na cidade, como afirmado anteriormente, a cidade deixa de ser mera paisagem, perde o status de cenário e passa a ser praticada e se torna um novo corpo. A ação do corpo em direção ao urbano, abre caminho para o desenvolvimento discursivo, fruto da contaminação mútua que se estabelece entre os dois corpos o urbano e o cidadão.

“A noção de corpografia, termo inicialmente sugerido pelo arquiteto e urbanista Alain Guez apud Britto e Jacques (2012) para designar o registro da cidade no corpo do transeunte que a experimenta” (ANDRADE, 2013, p.219), reflete a potencialidade existente ao olharmos para a cidade como um organismo vivo, que pulsa diversidade, história, memória e afeto. Há nas cidades uma atmosfera sensível, chamada por Duarte et al (2008) de ambiência, que segundo Andrade (2013, p.219) “confere à entidade física espaço a entidade poética, sensorial e multidirecional [...] pensam a ambiência enquanto força motriz da experiência dos corpos no espaço”.

Entendemos a cidade assim como um espaço de troca, por meio do qual o discurso dos corpos se faz visível, relevante, e possível por meio da dança/performance. Sem necessariamente recorrermos ao uso das palavras, o verbo de ação, presente no corpo, é capaz de transmitir e traduzir muito de seus afetos e afetações por meio de pequenos gestos, passos, movimentos, que chegam até os olhos e sentidos de quem observa e transforma também esse corpo que é ao mesmo tempo cidadão e performer.

A performance é compreendida por Bauman (1977) “como um evento comunicativo no qual a função poética é dominante, sendo que a experiência invocada pela performance é consequência dos mecanismos poéticos e estéticos produzidos” (LANGDON, 2006, p.166). O corpo traz em sua bagagem a essência do que é poético. E ao se libertar para experiência com a cidade, expandindo sua percepção sensível, é capaz de apreender as sutilezas ali presentes, para além do concreto.

A mudança na forma de olhar e sentir a cidade é decisiva para que haja a partir daí novos tipos de experiências afetivas com os espaços que nos provocam, nos atravessam e nos formam diariamente. Esse desnudar para uma visão menos ruidosa dos lugares é enriquecedor, pois percebemos muito de nós em cada canto, em cada curva, em cada construção, em cada imagem que nos arrebatam. Independente dos espaços com os quais dialogamos e trocamos, eles estão ali, aqui e aí, sendo trânsito e transformação a todo tempo. As imagens por se fazerem cada vez mais presentes no cotidiano de todos, têm se apresentado como indispensáveis nas práticas de aprendizagem e vivência de experiências, já que são “processadas culturalmente como visualidades e transformadas em experiência” (MARTINS; TOURINHO, 2017, p.163).

As paisagens quando passam a ser enxergadas perdem o status de simples cenários arquitetônicos naturais e ganham a importância de espaços vivos, que permitem a vida, o corpo, que abrigam saberes, dizeres e fazeres. A performance como “arte de

intervenção, modificadora, que visa causar uma transformação no receptor” (COHEN, 2002, p.45-46) se encontra acolhida em espaços poéticos e experienciáveis.

Assim sendo, a proposta do projeto era que inicialmente a percepção e contato com todos esses conceitos pudesse acontecer. As bases pensadas em relação à performance, corpografia e corpomídia foram essenciais para o que trabalho prático se desenvolvesse com mais clareza e entendimento. Demos abertura a cada encontro, para que a rede de informações presente na cidade pudesse estabelecer por meio de suas ruas, esquinas, vielas, praças, imagens e memórias um contato sensível com o corpo e a partir daí novos discursos corporais se tornassem possíveis.

O projeto teve como intuito e justificativa investigar como as experiências pelos e nos espaços deixam marcas, resquícios na memória, e como atravessamentos sofridos pelo corpo afetam a formação de sujeitos. Pensar como somos moldados pelos lugares por onde passamos; como pessoas, imagens, contextos e histórias passam por nós deixando no nosso corpo suas marcas. E a partir dessas percepções compreender como é possível a construção poética pelo corpo em movimento por meio da dança e da performance.

Ricoeur (2002; 1986) compreende o termo poético “para além da poesia ao concebê-lo como ação e produção de sentido quando afirma que a iniciativa ou a experiência de começar, isto é, a experiência de dar às coisas um outro curso ou um curso novo é das mais pregnantes porque diz respeito” ao adiantamento do gesto (RICHTER, 2012, p.61). O corpo ao entrar em contato com as imagens, com os ambientes permite a construção de novos sentidos. Como segue afirmando Richter (idem) “meu corpo pode significar para além de sua existência: pode começar, anunciar ou recomeçar e, assim, inscrever um sentido naquilo que não tinha”.

Imagens da cidade, memórias e corpos

Desde o início, os alunos e alunas foram levados a perceber que estavam ali como participantes e como colaboradores desse processo criativo e investigativo em que suas percepções pessoais puderam ser colocadas em diálogo com os conceitos apresentados.

Ao longo de quase quatro meses, nos reunimos semanalmente, em encontros de três horas. As discussões teóricas aconteciam em um primeiro momento, e posteriormente partíamos para as práticas corporais, que permitiram o desenvolvimento da pesquisa de movimento, que era orientada por mim através de

instruções sonoras, visuais e verbais. Textos dos autores citados anteriormente foram utilizados, assim como cadernos de anotação, papéis coloridos, e fotografias dos espaços, como gatilhos em um processo aberto a lembranças narradas, palavras

recortadas, sensações registradas, como pode ser visto abaixo (Figura 1).



Figura 1 – registros escritos do grupo de pesquisa. Fonte: acervo pessoal. Pedro Simon. 2019.

O projeto “Corpo, memória e cidade” foi estruturado em três blocos de trabalho: leituras e conversas sobre a temática e conceitos do projeto; laboratórios de pesquisa de movimento; e um trabalho de campo individual de construção de narrativas e de reconhecimento do lugar da cidade no corpo por meio de escritas, desenhos, fotografias, assim como do próprio corpo.

A cada encontro algumas questões norteadoras eram sugeridas, servindo como provocações para o diálogo e pesquisa corporal. Como exemplo: Que espaços são esses pelos quais passamos diariamente, mas que já se tornaram corriqueiros para nós? Que outros espaços nos marcam e por quê? Que lugares gostariam de ver passando por novas apropriações? Pensem nos lugares que marcaram a vida de vocês; Pensem nas marcas que esses lugares deixaram em vocês; Pensem em situações vividas nesses lugares que ficaram guardadas; Por que ficaram guardadas?; Quais as marcas elas deixaram em vocês?; Elas mudaram quem vocês são hoje?; O que levam de bom e de ruim desses lugares?

Os cadernos de anotação foram importantes ferramentas para identificar o que haviam notado sobre a cidade, sobre o processo de imersão corporal, memorial e relacional desenvolvido com o grupo.

Ao longo de todo o processo, os conceitos de corpomídia, corpografia e performance foram essenciais, pois possibilitaram novos significados para o corpo e aberturas para diferentes percepções sobre a experiência que iriam viver. Os alunos e alunas foram convidados a observarem a cada encontro quais eram as informações, dados, memórias, lembranças que seus corpos estavam absorvendo, negociando e resignificando, consciente e inconscientemente nesse corpomídia. Essas percepções eram compartilhadas nas rodas de conversa que aconteciam em todos os encontros.

A corpografia foi estudada enquanto conceito e posteriormente vivenciada por cada um deles individualmente, em diferentes espaços da cidade, escolhidos por eles, os quais puderam percorrer, fotografar, identificar seus afetos, memórias e grafias no corpo geradas pela própria cidade.

Por algumas semanas focamos no corpo e na memória como primeiro eixo de uma pesquisa que acontecia em camadas. As conversas, as escritas, a composição corporal eram todas alimentadas entre si, além também de reflexões que eram enviadas por e-mail para que pudessem pensar a respeito e posteriormente compartilhar com o grupo e deixarem registrado nos diários.

Os laboratórios de pesquisa de movimento eram inicialmente conduzidos por mim, mas com o tempo a preparação corporal e a pesquisa passaram a ser lideradas também pelos alunos e alunas participantes do grupo. O espaço da sala era preenchido por histórias, corpos e memórias que se misturavam. Conduziam um ao outro a partir dos direcionamentos dados e se colocavam livres para a experimentação, improvisação de movimentos e sensibilização corporal.

Por cerca de um mês as diversas camadas das memórias puderam ser exploradas, com destaque para infância como parte importante da formação de cada um, e que guardava em suas lembranças diversas histórias com a cidade e seus lugares. Cada novo encontro os/as colocava em confronto com memórias e resgates nem sempre felizes, mas que enfrentavam e deixavam ultrapassar o corpo por meio do choro, do grito, do sorriso e das várias movimentações que ganhavam corpo e que o atingiam por completo em um fluxo contínuo.

Nesta primeira etapa os relatos eram muito mais ligados às pessoas do que aos lugares da cidade. Entretanto, em um segundo momento a ênfase foi voltada aos espaços da cidade, que ganharam importância para perceberem como a arquitetura, os objetos, marcam a relação com as lembranças e afetos que já haviam percorrido na investigação das memórias e do corpo (a praça da igreja, a casa da avó, a escola, casa onde morou quando criança). Durante esse novo momento eram instigados/as a olharem para a cidade percebendo seu cotidiano, suas nuances, seus destaques.

A partir dos relatos e dos diários visuais (Figura 2) que iam trazendo a cada semana, nessa segunda etapa da pesquisa, era nítido como a cidade abrigava em si diversas outras cidades que nasciam dos diferentes olhares sobre os lugares e sobre o cotidiano da cidade, o que permitia a reconfiguração de percepções, por vezes já naturalizadas, sobre os mesmos espaços.

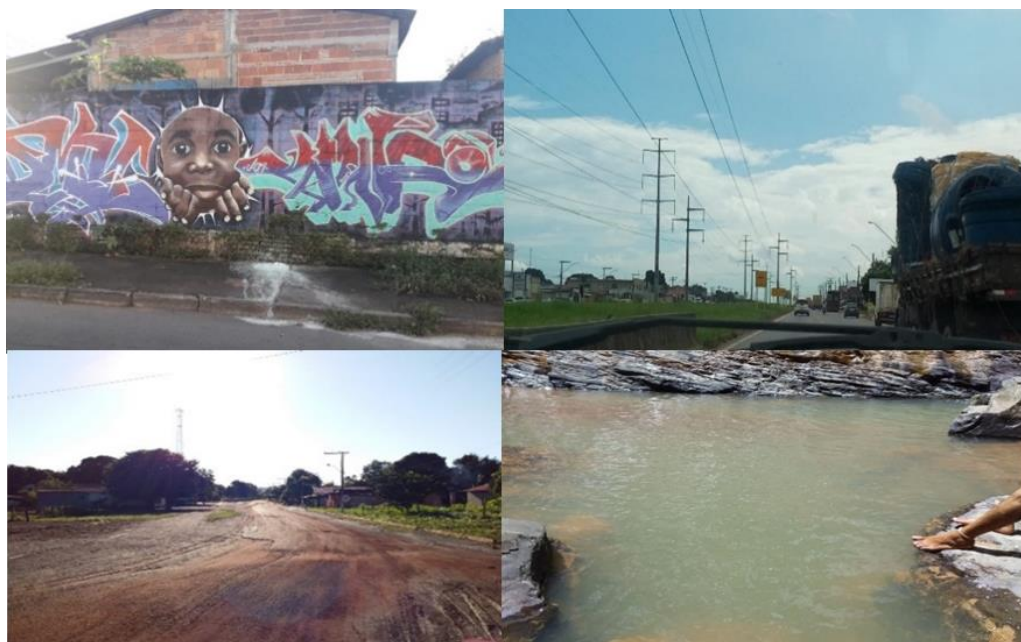


Figura 2 – registros visuais das cidade de Aparecida de Goiânia. Fonte: acervo pessoal. Pedro Simon. 2019.

Nesta perspectiva pensei o desenvolvimento do projeto e a proposta de contato dos alunos e alunas com as imagens da cidade em confronto com as imagens da memória e que encontraram no corpo lugar de expressão. Nos reunimos para o trabalho de pesquisa com a crença de que as imagens que nos rodeiam “misturam-se com os corpos no cotidiano: corpos que os veem, ouvem, sentem, tocam, dançam (...) [e entendendo que] nessas articulações, diariamente são tecidas identidades e identificações, subjetividades” (BERTÉ; TOURINHO, 2014, p.76).

O projeto por mais que buscasse uma pesquisa de movimentos, as palavras, os desenhos, os artifícios visuais e sonoros foram abraçados, uma vez que todos deveriam fazer parte desse caminho de descoberta corporal-imagética.

Conversamos para compreender como definiam a cidade; quais eram seus significados; que lugares e cidades haviam marcado suas vidas e suas formações; que experiências vividas na cidade marcaram a vida de cada um/uma; entre outros aspectos.

Diversas companhias de dança já buscaram a cidade como mote para os seus processos criativos, e levaram aos espaços da cidade questionamentos, novas apropriações e suscitaram nos espectadores e performers outros olhares sobre o que nos rodeia. No entanto, como principal referência artística está a coreógrafa e bailarina Pina Bausch.

Ao longo de seu trabalho com a dança-teatro se inspirava nos diversos lugares pelos quais transitava juntamente com os seus atores-bailarinos da Wuppertal Taztheater e por meio dos movimentos trazia ressignificações e novos sentidos a partir da troca estabelecida com cada um dos lugares que percorriam. Destaco um de seus trabalhos, o único filme dirigido por ela, “O Lamento da Imperatriz” (1989) obra em que explora o espaço da cidade de Wuppertal. Por meio da sua proposta de trabalho permite novas percepções sobre a apropriação dos espaços urbanos por meio de performances cotidianas, que mesclam a dança com ações do dia-a-dia, trazendo em si questões relevantes de serem pensadas e problematizadas. No contato de seus bailarinos com o espaço da cidade Bausch aborda questões de gênero, sexualidade, identidade, dentre outras temáticas, que demonstram a riqueza que há ao se permitir o cruzamento de histórias de vida com a cidade.

E assim foi feito. A cada semana os/as participantes puderam explorar e improvisar movimentos, partindo dos estímulos da cidade, das memórias e pouco a pouco os gestos se tornavam mais significativos e claros em um processo de composição coreográfica (Figura 3) que a cada dia ganhava novos desenhos.



Figura 3. Pesquisa corporal do grupo de pesquisa, 2019.

Figura 3 – Processo criativo grupo de pesquisa. Fonte: acervo pessoal. Pedro Simon. 2019.

Ao final do processo, sentiram a necessidade de devolver à cidade o que haviam criado, entregando aos espaços o que o corpo e suas memórias permitiram que fosse produzido artisticamente. Durante os encontros cada um/uma foi identificando quais lugares haviam sido mais significativos para sua formação e também que estavam mais vivos em suas lembranças e histórias de vida. Desta forma, decidiram que seriam realizadas visitas individuais a cada um dos lugares (ruas, praças, avenidas) e deixados ali os registros de suas partituras, e assim foi feito. A cidade se transformou em um cenário para a composição dos corpos, que tiveram como guias os diários visuais, os relatos e as memórias. As mensagens que foram construindo ao longo do projeto puderam ser compartilhadas por meio de uma relação performer-cidadão, que deu àqueles lugares novas apropriações e novos sentidos.

Além disso, como uma maneira de vivermos uma experiência enquanto grupo, sugeri a realização de uma vivência na cidade em que todos pudessem estar juntos, e a escolha do lugar partiu de algo que era significativo para todos como memória. Nos reunimos em uma praça na cidade de Goiânia e dali partimos para uma movimentada avenida, espaço onde estivemos livres para exteriorizar os significados daquela experiência. Brincamos, improvisamos, exploramos o corpo no espaço (Figura 4). Pudemos enxergar a arte sendo devolvida e abraçada pela cidade.



Figura 4: performance realizada na cidade de Goiânia. Fotos: acervo pessoal. Pedro Simon. 2019.

Considerações Finais

O projeto “Corpo, Memória e Cidade: construindo narrativas na relação com o urbano” permitiu que diversas inquietações fossem trabalhadas e que cada participante ganhasse uma nova percepção sobre os espaços da cidade. Os diversos encontros que aconteceram possibilitaram que alunos e alunas pudessem resgatar histórias, memórias, e partilhassem dores, alegrias, resignificando lembranças e dando a cada uma delas novos sentidos. As imagens, os conceitos, afetos e discursos ganharam corpo por meio de partituras individuais, que levaram aos espaços da cidade uma nova poética e uma nova apropriação. Deixamos ali o estímulo à luta pela visibilidade da arte e de sua potência em sociedade.

Referências

ANDRADE, Graziela. Graziela Andrade. **Corpografias em dança**: da experiência do corpo sensível entre a informação e a gestualidade. Sociology. Université Paris-Est, 2013.

BAUMAN, R. **Verbal Art as Performance**. Rowley, Mass, NewburyHouse Publishers. 1977.

BERTÉ, Odailso; TOURINHO, Irene. Entre Madonas virgens e eróticas: corpo, imagem e afetos como investimentos das pedagogias culturais. IN: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Org.). **Pedagogias Culturais**, Santa Maria: Ed. UFSM, 2014.

BRITTO, Fabiana D.; JACQUES, Paola B. Cenografias e corpografias urbanas, um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. **Cadernos PPG-AU FAU FBA**, ano 6, p. 79-86, 2008. Número especial: Paisagens do corpo.

_____. Corpo e cidade – coimplicações em processo. **Rev. UFMG**, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.142-155, jan./dez. 2012.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**: criação de um tempo-espaço de experimentação. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DUARTE, C.R; COHEN, R.; SANTANA, E.; BRASILEIRO, A.; PAULA, K.; UGLIONE, P.Explorando as ambiências: dimensões de possibilidade metodológicas na pesquisa em arquitetura. In: **Colloque International Faire une Ambiance**, Grenoble, 2008. Disponível em : <www.asc.fau.ufrj.br> . Acesso em: 10 fev. 2010.

HARVEY, D. **Rebel cities**: from the right to the city to the urban revolution. New York: Verso, 2012.

HISSA, Cássio Eduardo Viana; NOGUEIRA, M. L. M. Cidade-corpo. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, v. 20, p. 54-77, 2013.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em: maio. 2020.

KATZ, H.; GREINER, C. **A natureza cultural do corpo**. Lições de Dança 3. Rio de Janeiro: Universidade Editora, 2001.

_____. Por uma teoria do corpomídia. In: GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

_____. Corpo e cidade – coimplicações em processo. **Rev. UFMG**, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.142-155, jan./dez. 2012.

LANGDON, E. J. Performance e sua diversidade como paradigma analítico: a contribuição da abordagem de Bauman e Briggs. **ILHA - Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2, p. 162-183, 2006.

MARTINS, R.; TOURINHO, I. Entrevistas das imagens na arte e na educação. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). **Culturas das imagens e desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2016, p.11-15.

_____. (Des)arquivar narrativas para construir histórias de vida ouvindo o chão da experiência. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu C. de. (Orgs.). **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p.143-165.

NASCIMENTO, Erinaldo A. A pesquisa em artes e a perspectiva da cultura visual. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

RICOEUR, Paul. **Du texte à l'action: essais d'herméneutique II**. Paris: Seuil, 1986.

_____. **Paul Ricoeur: o único e o singular**. São Paulo: Editora UNIESP; Belém, PA: Editora da Universidade Estadual do Pará, 2002.

RICHTER, Sandra. Experiência poética e linguagem plástica na infância. In: Meira, Mirela Ribeiro; Silva, Ursula Rosa da. (Org.). **Ensino da Arte: Cultura Visual, Escola e Cotidiano**. 1ed. Pelotas, RS: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2012, v. 1, p. 57-79.

SETENTA, J. S. O Fazer-Dizer de Corpos: modos de fazer dança e performance. In: 1er Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre Cuerpos e Corporalidades en las Culturas, 2012, Rosário. **Actas del 1er Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre Cuerpos e Corporalidades en las Culturas**. Rosário: Universidade Nacional de Rosário/Investigaciones en Artes Escénicas y Performáticas, 2012. p. 1-10.

SOUZA, E.; MEIRELES, M. de. Fotobiografia e entrevista narrativa: modos de narrar a vida e a cultura escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu C. de. (Org.). **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p. 125-141.

Pedro Simon Gonçalves Araújo

Doutorando em Arte e Cultura Visual (linha de pesquisa - Cultura da Imagem e Processos de Mediação) pela Faculdade de Artes Visuais – UFG. Mestre em Arte e Cultura Visual (linha de pesquisa - Poéticas Visuais e Processos de Criação) pela FAV-UFG (2015). Licenciatura em Arte Visuais pelo Claretiano Centro Universitário (2020). MBA em Marketing pela Estácio de Sá – RJ (2012). Graduado em Comunicação Social – Bacharelado em Publicidade e Propaganda pela PUC-GO (2010). Contato: araujops3@gmail.com.